



ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: experiências de pesquisa do ensino remoto no território maranhense

Marise Marçalina de Castro Silva Rosa¹

Eixo temático 10 - Alfabetização e pandemia: desafios, aprendizados e perspectiva

Resumo:

O presente trabalho resulta de uma pesquisa em rede sobre alfabetização em tempos de pandemia Covid-19, buscando compreender os desafios e as perspectivas do ensino remoto da alfabetização, principalmente nas escolas públicas. Situa-se a amostra composta por 15.449 docentes-respondentes, distribuídos por todas as regiões do país, no Maranhão foram 914 respondentes desse universo, professores dos segmentos da educação infantil e do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Apresenta-se o objetivo da pesquisa, compreender de forma aprofundada a situação da alfabetização das crianças no país, bem como, indicar a análise dos dados da primeira fase da investigação como forma de situar aspectos descritos no primeiro relatório técnico da primeira fase da pesquisa. Sistematiza-se, de forma singular, aspectos da pesquisa no Maranhão. A pesquisa considera os aportes teóricos subsidiados nos seguintes estudiosos, Magda Soares (2018), Hommi Bhabha (1988), Sousa (2020), Krenak (2020). Analisa-se definições sobre a escola em tempos de pandemia pelas professoras investigadas. Discute-se os dados sistematizados na segunda etapa da pesquisa, gerados por meio de grupo focal, rodas de conversas, com professores alfabetizadores dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas públicas de cinco municípios do maranhão. Destaca-se aspectos problematizados, de forma dialógica, sobre: sentimentos que afloraram, nos professores/as, quando souberam que deveriam alfabetizar de forma remota, formas de planejamento, tipos e uso de ferramentas digitais, ou não, nesse processo de alfabetização não-presencial, os maiores desafios do da alfabetização de forma remoto.

Palavras-chaves: Pandemia; Angústia, Alfabetização; Ensino Remoto; Escola.

Introdução

O impossível aconteceu, nosso mundo parou. Agora precisamos fazer o impossível para evitar o pior... Mas, o que seria esse pior?

Slavoj Zizek

Investigar alfabetização no contexto pandêmico, situou-se como necessidade de compreender o campo de estudos e práticas do ponto de vista das narrativas de

¹Pós-doutorado em Crítica Cultural, Doutorado em Educação, Professora do Departamento de Educação I da Universidade Federal do Maranhão. Contato: mmarcalina@gmail.com

professores/as diante dos desafios enfrentados pela escola, pais e toda comunidade escolar. Assim, neste ensaio apresento análises sobre narrativas de professores/as no que tange a alfabetização remota e o *entrelugar* da escola, seus deslocamentos e mudanças nos modos de ensinar em tempos de pandemia. Ao refletir sobre a realidade da escola dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental nesses tempos de isolamento social, busco compreender as relações de tempo e espaço e os deslocamentos oriundos desse movimento, situando-a num *entrelugar*. É neste sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente em um movimento não dissimular ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando [...]”. (BHABHA, 1998, p. 24).

A crise sanitária, provocada pela Covid-19, provocou descontinuidades e rupturas nas práticas e nos modos de viver da sociedade com reflexos nas práticas instituições sociais como a escola que, nesse contexto, sofre mudanças e reconfigura sua identidade como *lócus* privilegiado para a formação e o desenvolvimento humano de crianças em processo de apropriação da leitura e da escrita para situar-se num lugar que fora deslocado pelo isolamento social.

O ano de 2020, desafiou e desequilibrou a termos que encontrar novas formas vivências e sociabilidades num mundo pandêmico. Nada do que foi será, o mundo sofre a “cruel pedagogia do vírus,” como nos afirma Santos (2020), em um ensaio sobre o tempo presente. Com isto, reafirmo e constatei, o objeto de estudo esteve em movimento o tempo inteiro, me desequilibrou, desfiou minhas crenças e exigiu que o considerasse a partir de tempos históricos em diálogo com a perspectiva que se deslocava em função de novas variáveis e condições de produções de conhecimentos no campo científico envolvido por uma pandemia sem precedentes, as problematizações se reconfiguraram em função de uma mudança de formas de viver o cotidiano ameaçado pelo vírus da covid-19, obrigando todos à construir um “novo normal”, se posso dizer assim.

Assim, foi preciso usar a pesquisa para além do maior desafio, preservar e salvar vidas, formar educadores/as em novas bases. Digo, investigar, como professores/as e onde os/as professores/as estão alfabetizando e desenvolvendo atos de leitura e escrita não presenciais ou remotos sem terem tido devida formação? Ou ainda, como ensinar língua materna de forma remota, a distância, sem o brincar e o contato com outras crianças e os materiais que tanto encantam as crianças, como a literatura e os livros de histórias infantis, brinquedos, jogos etc? Que novas políticas públicas surgiram para regular essas práticas? Ou ainda, Como algumas crianças de escolas públicas estão aprendendo a ler e escrever com docentes que, também, estão aprendendo e se apropriando de uma linguagem tecnológicas e das mídias, uso de outros suportes e ferramentas para ensinarem simultaneamente? O vírus é um professor cruel porque ensina matando (SANTOS, p. 2020),

uma narrativa produzida para evidenciar “a pedagogia cruel do vírus”, em um importante ensaio.

Diante do exposto, neste estudo analiso três eixos de investigação relacionados aos processos de alfabetização e letramentos sociais em tempos de pandemia, situando experiências de narrativas autobiográficas de professores/as sobre alfabetização remota, não presencial e as atividades formativas por meio de ferramentas digitais. Para tanto, fiz as seguintes problematizações: como e quais narrativas de professores/as explicam as experiências de alfabetização remota, apropriação da língua materna por crianças vulneráveis socialmente e os deslocamentos da escola em tempo de pandemia? Como e de que forma, narrativas autobiográficas de professores/as sobre ações formadoras podem explicar e contribuir para o enfrentamento e desenvolvimento de processos de alfabetização e letramentos sociais em contextos de crise e, ou mudanças profundas no campo das práticas pedagógicas?

Considerando a grave crise sanitária mundialmente afetada pela situação decorrente do Corona vírus (SARS-COV-2/COVID-19), o que desencadeou crises de ordem econômica, sócio, política e no âmbito educacional. É possível afirmar que naquele momento, o número de mortes ultrapassou estimada em torno de 342 por dia, e já ocasionou 602.293 mil mortes no Brasil. Com isto, houve necessidade de se fazer alguns recortes e deslocamentos na pesquisa no que tange às possibilidades de geração de dados da pesquisa sobre o objeto de estudos: análise de experiências e narrativas de professores/as de alfabetização e letramentos sociais de crianças em situação de vulnerabilidade social em tempos de pandemia. Com isto, além das escritas de si, produzidas por professoras/formadoras sobre angústias e resistenciabilidades em tempos pandêmicos, organizei três sessões de rodas de conversas em formato de entrevista focal com seis professores alfabetizadores das redes municipais de São Luís, Monção, Carutapera, Presidente Vargas e Alto Alegre do Pindaré. Ademais, farei uso de dados da pesquisa em rede.

A primeira fase de coleta de dados ocorreu por meio de um questionário do *Google forms* aplicado *on-line*, entre junho e setembro de 2020. O instrumento continha 34 perguntas distribuídas em dois focos principais: i. a alfabetização durante a pandemia; ii. a recepção da Política Nacional de Alfabetização (BRASIL, 2019) do Governo Federal.

Participar desta pesquisa em rede, como uma das representantes da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, foi um diferencial na minha história de pesquisadora no campo da alfabetização, haja vista, as oportunidades de integração e interlocução com grupos de pesquisas do Brasil inteiro, novas articulações para investigação e produção de conhecimentos sobre a alfabetização remota em tempos de pandemia. Destaco, ainda, dados relativos ao estado do Maranhão no que tange aos 914 professores respondentes da pesquisa

em rede e às rodas de conversas virtuais, organização do grupo focal para levantamento de narrativas sobre os desafios da alfabetização remota, tendo como produto final a publicação de um e-book com resultados de todas as instituições participantes. Considero ser de grande relevância, diante da crise que assola toda a sociedade e instituições, investigar sobre a educação escolar e, em particular, sobre os desafios que professoras/es alfabetizadoras/es enfrentaram durante o isolamento social ao trabalharem o ensino remoto.

Segundo o Coletivo de Estudos em Marxismo e Educação (PPGE/UFRJ)

A humanidade está diante da maior catástrofe desde a Segunda Guerra Mundial. É tempo de emergência. A escola neoliberal não sabe (e não pode) indicar qualquer alternativa. O governo atual, contudo, reafirma seu credo ultraneoliberal que não contempla soluções para os problemas de saúde e da crise econômica, e, por isso, naturaliza o darwinismo social, embora custe vidas de pessoas reais, é a alternativa possível para manter o mercado em atividade. (COLEMARX, P.7)

Uma crise profunda no campo educacional com consequências em todos os níveis de escolaridade, destaca-se nesse processo a escola básica, com ênfase nos anos iniciais do ensino fundamental, principalmente o processo de ensino aprendizagem da língua materna, ou ainda, alfabetização e letramentos sociais.

2 Alfabetização em Rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização em tempos de pandemia da Covid-19

O mundo está em suspensão. O momento é de recolhimento, de silêncio. A experiência do isolamento social, para enfrentar o horror do novo coronavírus, pode trazer lições valiosas à humanidade. “Se essa tragédia serve para alguma coisa é mostrar quem nós somos.

Ailton Krenak, 2020.

O coletivo Alfabetização em Rede é responsável por todo o desenho metodológico da pesquisa, pela elaboração de instrumentos de coleta de dados, bem como por sua aplicação e análises publicizadas em forma de relatórios técnicos, *lives*, mesas-redondas, seminários e um e-book, Retratos do Brasil. Registrada na Plataforma Brasil, sob o código 36333320.0.0000.5151, é conduzida pelo coletivo ALFABETIZAÇÃO EM REDE formado no primeiro semestre de 2020 por 117 pesquisadoras(es) de 29 universidades, localizadas em todos os estados e regiões do país, que assinam o relatório da pesquisa. O objetivo principal foi conhecer e compreender de forma aprofundada a situação da alfabetização de crianças no Brasil durante a pandemia da Covid-19 (MACEDO, 2020).

Os tópicos abordados se distribuíram em dois blocos de perguntas: o primeiro, relativo ao perfil profissional geral das docentes, incluindo informações sobre os turnos de trabalho, o

tipo de vínculo com as redes de ensino, o tempo de atuação no magistério, o gênero, a raça, a formação acadêmica, a etapa do ensino em que atuam, a localização geográfica, dentre outras. O segundo bloco trata de perguntas sobre o ensino remoto, incluindo o acesso às tecnologias, a preparação para o trabalho com as aulas remotas, os maiores desafios do ensino não presencial na alfabetização, as ferramentas/materiais mais utilizados para o trabalho remoto, a recepção da PNA, dentre outras.

A amostra é composta por 15.449 docentes-respondentes, distribuídos por todas as regiões do país. No Maranhão foram 914 respondentes. Em torno de 85% dos professores da educação básica - da educação infantil e dos anos iniciais do Ensino fundamental - são mulheres.

Na condição de membro da Rede de pesquisa, fui uma das coordenadoras da referida pesquisa no Maranhão, apliquei, juntamente com mais dois pesquisadores do meu grupo de estudos, o GEP-Alfaetri, e organizamos e desenvolvemos três rodas de conversas com professoras alfabetizadoras de escolas públicas dos municípios de Alto Alegre do Pindaré, Carutapera, Lago da Pedra, Monção, Presidente Vargas e São Luís, Monção, cujos dados discutirei neste ensaio, com destaque para a escrita de narrativas si de professoras alfabetizadoras/formadoras durante as rodas de conversas virtuais.



Fonte: pesquisa e produção da autora, 2020.

Ao discutirmos o campo da alfabetização, desafios e práticas em tempos pandêmicos, situo necessidade de considerar as concepções e perspectivas que movimentam o referido campo, com destaque para a Política Nacional de Alfabetização-PNA criada em agosto de 2019, pelo governo federal e que entra em choque com o estabelecido e defendido por pesquisadores do campo.

O projeto de pesquisa sobre alfabetização em rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia covid-19, voltou-se para professores de educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas das redes pública e privada, tendo como um dos objetivos compreender de forma aprofundada a situação da alfabetização de crianças no Brasil durante a pandemia da Covid-19 e envolveu pesquisadores de 29 universidades, foi desenvolvido em duas fases subsequentes. Discutirei aqui alguns dados gerais da pesquisa com foco no território Maranhense.

3 Trilhas investigativas

Durante a realização desta pesquisa, estava num estágio de pós-doutoramento, momento em que busquei fazer uma imersão no universo dos estudos nas mais variadas atividades investigativas e de apropriação conceitual do lugar da crítica cultural na pesquisa e nos processos formativos.

Em plena travessia, tempos de pandemia, ondas muito fortes levavam-nas para cima, de um lado para outro e, às vezes, até para fora do barco. Como um remo, a lapiseira tentava lutar contra um inimigo oculto e segurar as palavras. eu me deixava levar para todos os lugares que os embalos permitiam (DAVID, p.1,2020). Eu sabia o que vivia, então busquei estabelecer relações de sentido que permitissem continuar, não desisti, segui como as águas do rio descrito por Guimarães Rosa, “*grande, fundo, calado que sempre*” e fui construindo lugares de significação para a minha existência humana enquanto pesquisadora.

Nessa perspectiva, destaco algumas narrativas de professores/as que participaram da segunda fase da pesquisa em rede, desta travessia em mares revoltos. Nos interessava saber de experiências alfabetizadoras no enfrentamento de desafios postos pelo fechamento das escolas e o isolamento social. Considerando nossos eixos de investigação, realizamos três rodas de conversas virtuais no formato de grupo focal. Segundo, (ABREU, BALDANZA, GONDIM, 2009. p.10).

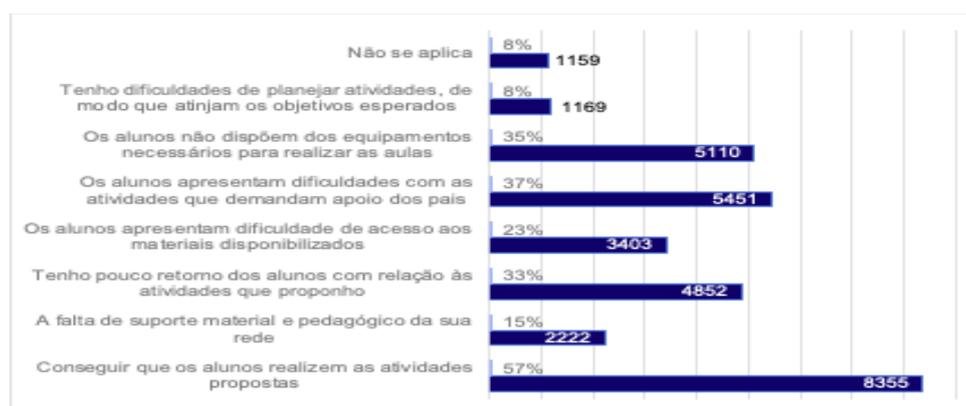
O grupo focal on-line é um método de coleta de informações semelhante ao grupo focal presencial. Sua principal característica, não obstante, é a de ser realizado em ambiente virtual, dispensando a presença física dos participantes para que haja interação e conseqüente comunicação entre eles. Essa diferenciação é apontada como uma das principais vantagens dos grupos focais on-line. Por ser realizado em um ambiente relativamente novo, levando em conta o tempo em que a Internet efetivamente está sendo utilizada de modo mais amplo, bem como o avanço dos estudos na área que ainda são recentes, os grupos focais *on-line* apresentam outras vantagens e desvantagens em relação aos grupos presenciais.

Parece não ser possível apontar o que as crianças estão aprendendo, mas, ao indicar as dificuldades para desenvolver o plano encaminhado pela secretaria, dão pistas de que todo processo de ensino seja ele remoto, ou não, precisa de um planejamento de acordo com a realidade social das crianças e suas necessidades.

De fato, apesar do distanciamento entre participantes das rodas virtuais, o diálogo ocorreu com um diferencial, as palavras tiveram a força de quem sabia o sentido de cada uma, nas pausas, choro e emoções ao pronunciá-las, como é possível perceber neste fragmento de fala de uma das nossas interlocutoras ao se colocar sobre essa questão, como os gestores da sua rede de ensino e da sua escola estão orientando o trabalho.

4 Resultados e Discussão

A questão central desta pesquisa, primeira fase, tratou de saber sobre os maiores desafios do ensino não presencial na alfabetização, qual seja, o ensino remoto. O gráfico abaixo ilustra as respostas.



Fonte: relatório técnico, p.12, 2020.

As professoras respondentes ao afirmarem que os maiores desafios com o ensino remoto, é fazer com que os estudantes respondam as atividades, acompanhamento dos pais e consolidação das aprendizagens, apontam a importância das atividades presenciais, da escola e da relação da família com a escola de forma presencial. Durante as rodas de diálogos, fase da pesquisa qualitativa, as professoras externaram sentimento de angústia e ansiedade com as incertezas, dificuldades para o ensino da leitura de forma remota e a situação das crianças socialmente vulneráveis. Segundo, (Soares,2020) são muitos os desafios que professores/as têm enfrentado nos últimos anos de ensino remoto.

Nessa parte, os autores apresentam os resultados, seguidos da discussão, com base nos achados encontrados e fundamentados nos autores de referência para o estudo. Podem ser apresentados trabalhos de pesquisa e iniciação científica, relatos de experiências

docentes e/ou resultados de atividades pedagógicas em projetos de iniciação à docência e residência pedagógica entre outros.

5 Considerações Finais

“Em tempos de pandemia”. Ondas muito fortes levavam-nas para cima, de um lado para outro e, às vezes, até para fora do barco. Como um remo, a lapiseira tentava lutar contra um inimigo oculto e segurar as palavras. Foram horas de navegação, mas não desistir, afinal “um timoneiro que se preze continua a navegar, mesmo com a vela despedaçada”. Este barco pelo qual navegamos há anos já se acostumou com o balanço do mar e as oscilações das ondas são, fontes de aprendizagem e de crescimento”.

Ricardo Santos David, 2020.

Falar dessa trajetória, escrever as sínteses dessa experiência é desafiador pra mim e, ao mesmo tempo, gratificante. Cheguei à conclusão que em 2020, com toda força das ondas de um mar revolto, trabalhei, vivi e aprendi como nunca na minha vida inteira, conforme sinalizo no corpo deste relatório e nas cartas recebidas e escritas tratando de sentimentos de angústias, deslocamentos e desafios sobre ensino remoto e alfabetização e letramento de crianças em situação de vulnerabilidade social. Questões que se debatiam, discutiam e reconfiguravam ao longo dos seminários, lives, webinários, grupos de estudos e geração dos dados pela pesquisa. Assim, num desses encontros, analisei um aspecto relacionado à criança em tempos de pandemia, para tanto, recorri a um poema de Célestin Freinet, Pão e Rosas:

As **crianças** precisam de pão e de rosas(...) as crianças têm necessidade de pão, do pão do corpo e do pão do espírito, mas necessitam ainda mais do **SEU OLHAR**, da **SUA VOZ**, do **SEU PENSAMENTO** e da **SUA PROMESSA**. Precisam sentir que **ENCONTRARAM, EM VOCÊ** e na **SUA ESCOLA**, a ressonância **DE FALAR** com alguém que **AS ESCUTE, DE ESCREVER** a alguém **QUE AS LEIA** ou as **COMPREENDA**, de produzir alguma.

Era uma fala para professoras/es alfabetizadoras/es, gestoras/es e equipes técnicas das redes municipais e articuladores regionais dos 217 municípios do território maranhense, ação da SEEDUC por meio do Ciclo de Webinários do Pacto pelo Fortalecimento da Aprendizagem 2021, o qual, até hoje conta com 28.064 visualizações. Qual a razão de situar este momento no relatório?

Uma das minhas possibilidades de investigação foram nesses momentos de diálogo com as professoras, pesquisa para ter base no diálogo e divulgação das sistematizações teóricas e inferências relativas à alfabetização remota. Problematizei em minha fala e estabeleci relações de sentido com fragmentos do poema de Freinet. Qual a importância do processo de alfabetização e dos letramentos sociais para a trajetória escolar da criança? E

para a escola, a família (mães, pais, avós, irmã mais velha, tios...), gestores e gestoras (coordenador/a pedagógica) professores e professoras em tempos de pandemia e outros tempos? São questões que se fizeram presentes em nossa pesquisa, quais os desafios e as possibilidades do ensino remoto?

As crianças, a escola, famílias e toda comunidade em isolamento social, distanciadas do convívio com outras crianças e de tudo que a escola oferece no desenvolvimento humano, em função da pandemia, teve sua lógica alterada. Então foi importante reverberar as palavras fortes de Freinet, as **crianças** tem necessidade de **encontrar em você** e na **sua escola**, a ressonância **de falar** com alguém que **as escute, de escrever** a alguém **que as leia** ou as **compreenda** (FREINET, 2012).

Um fragmento de fala que revela elementos das angústias de professores por não poderem desenvolver interações didático-pedagógicas pertinentes ao processo de alfabetização num contexto escolar. Quais os grandes desafios que a escola e gestoras/es, professoras/es e famílias do território maranhense indicam no processo de alfabetização das crianças em tempos de pandemia? Para reflexão, um dado que revela o tamanho desse desafio.

Referências

ALFABETIZAÇÃO em rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia Covid-19 — Relatório Técnico (Parcial). **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 13, p. 185-201, dez. 2020.

ABREU, N. R. De, BALDANZA, R. F., GONDIM, S. M. G. Os grupos focais on-line: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**. Vol. 6, No. 1, 2009, p. 05-24.

DAVID, Ricardo Santos. **Desafios para (Re) Pensar a Educação em Tempos de Pandemia**. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2020/08/28/desafios-para-re-pensar-a-educacao-em-tempos-de-pandemia/>. Acessado em: 15 de novembro de 2021.

FLICK, U. Entrevista episódica. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 114-136. 136.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (coord.). **Alfabetização em Rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia Covid-19 e da recepção da PNA pelos docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Universidade Federal de São João del-Rei. 2020. 22 p. Registrada na Plataforma Brasil, sob o código 36333320.0.0000.5151. [Projeto de Pesquisa]

MACEDO, M. SOCORRO. A. N.; MORTIMER, E. F. Perfil dos professores do primeiro ciclo: questões socioculturais e pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 87, n. 15, p. 29-43, jan./abr. 2006.

MACEDO, M. SOCORRO. A. N. Perfil sociocultural dos professores de 1 ao 5 ano da Rede Municipal de Recife. **Revista Cocar**, Belém, v.13, n. 26, p. 358-375, mai./ago. 2019.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e escrever. São Paulo: Ed. Contexto, 2020.

SOARES, Magda. Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia? Disponível em: <https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-a-pandemia/?print=1> Acesso em: 08/09/2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Boitempo Editorial, 2020.

ŽIŽEK, Slavoj. **Pandemia**: Covid-19 e a reinvenção do comunismo. 2020. Edição (Tradutor), Christian Dunker.